
Schizoanalysis and subjectivity: a contemporary look at corporeal transformations

Esquizoanálise e subjetividade: um olhar contemporâneo das transformações corpóreas

Received: 2023-01-11 | Accepted: 2023-02-12 | Published: 2023-03-04

Cláudia da Silva Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7819-9502>
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Brasil.
E-mail: kauacpsicologia@hotmail.com

Maria Luzinete Alves Vanzeler

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1969-165X>
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Brasil.
E-mail: vanzeler@terra.com.br

ABSTRACT

This article discusses issues related to the production of subjectivity from a schizoanalytic perspective. The subject was discussed trying to avoid concepts and technical jargon. In the theoretical part, some of the central ideas of schizoanalysis and its perspective of subjectivity formation, understood as the raw material of world constitution, are presented. In the practical part, the poem "Your body", by Ferreira Gullar, will be analyzed according to the aesthetic ethics of life valuation understood in Schizoanalysis. The modalities of body inscribed in contemporaneity will be questioned: the ideal body that serves as a model and standardized value, imposing itself without differentiation of class, gender or race, democratically printing an "imperative" of happiness, health, beauty and youth, resulting in effects of anxiety, depression, etc., and the body that seeks health, beauty, and youthfulness, not ideals, but in the sense of an appreciation of the body in its own unique potency, as a thinking and sensitive body, in the form of an acceptance that we are part of nature, that we depend on the environment that surrounds us.

Keywords: Schizoanalysis; Production of subjectivity; Poetry; Literature.

RESUMO

O presente artigo discute questões relativas à produção da subjetividade a partir do referencial esquizoanalítico. O assunto foi discutido procurando evitar conceitos e jargões técnicos. Na parte teórica, colocaram-se, algumas das idéias centrais da esquizoanálise e sua perspectiva de formação da subjetividade, entendida como a matéria prima de constituição do mundo, na parte prática, será analisado o poema "Teu corpo", de Ferreira Gullar, de acordo com a ética estética de valorização da vida entendida na Esquizoanálise. Serão questionadas as modalidades de corpo inscritas na contemporaneidade: Corpo ideal que serve como modelo e valor padronizado, impondo-se sem diferenciação de classe, gênero ou raça, imprimindo democraticamente um "imperativo" de felicidade, de saúde, de beleza e de juventude, repercutindo efeitos de ansiedade, depressão etc., e o corpo que busca saúde, beleza e jovialidade, não ideais, mas no sentido de uma valorização do corpo em sua potência própria e singular, como um corpo pensante e sensível, na forma de uma aceitação de que somos parte da natureza, de que dependemos do ambiente que nos cerca.

Palavras-chave: Esquizoanálise; Produção da subjetividade; Poesia; Literatura

INTRODUÇÃO

A Esquizoanálise (análise de partes, pedaços, linhas ou estilhaços) é entendida como uma ética estética de valorização da vida, uma perspectiva e não uma metodologia. Procura valorizar a vida vibrátil e agradável, em sua potencialidade máxima, (Deleuze e Guattari, 1980/1996, p.77-78). Esta visão implica em uma estética que valoriza o ato de criação, da revolução criadora.

Em esquizoanálise não há uma metodologia rígida, mas sim a ideia de que há infinitas formas de se compor com a vida, analisando os lineamentos que fazem parte da tecelagem da existência, numa perspectiva da cartografia. Está isenta do dualismo (certo/errado, belo/feio, bom/mau) que serve como pressuposto para as classificações nosografias (Abreu Filho, 1998). Em esquizoanálise não há loucura no sentido monográfico, esse estado seria apenas uma possibilidade de se compor com a vida, nas suas infinitas formas de existência (Deleuze & Guattari, 1995).

Somos corpos cartográficos, como os mapas geográficos, delimitam e registram territórios políticos, econômicos e culturais, os indivíduos também são registrados e cruzados por linhas. Algumas dessas linhas são postas do exterior para eles, não se cruzam, ao contrário, separam-se e demarcam os seus próprios territórios. Devemos inventar nossas próprias linhas de fuga. Linhas de fuga são “uma questão de cartografia”, elas compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra (Deleuze & Guattari, 1996, p.75-76).

Para Deleuze e Guattari, (1996) um “Corpo sem Órgãos” é não desejo, mas também desejo. Não é um conceito, é um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite.

Uma produção desejante num corpo qualquer configurará o Corpo sem Órgãos, na medida em que, signifique o campo de imanência do desejo ou o plano de consistência do desejo, ou seja, será nesse campo ou plano onde o desejo se definirá como processo de produção, independente de instâncias exteriores que indiquem alguma falta a ser suprida, como advoga a psicanálise (Dantas, 2002).

Para esquizoanálise há duas lógicas que permeiam a tessitura ética, na contemporaneidade: a lógica pulsátil (presente nos corpos vibráteis, que não repelem o mundo da sensorialidade, que procuram uma existência plena e para isso desejam afetar e ser afetados) e a lógica maquínica (presente nos corpos transformados em máquinas homeostáticas, que perdem qualquer potência de expressão e constroem uma economia narcísica do sujeito) (Peres et al., 2000).

Reich (2007) traz átona a existência de um corpo pulsátil, onde à clareza e vivacidade estupefadoras que possui se baseia na sua plena convicção de que amar, conhecer e trabalhar, de formas simultâneas e inteiriças, harmônicas e integrada sendo a plena expressão da nossa potência de vida.

A esquizoanálise se apresenta como uma tentativa de uma pragmática das linhas, de produção de rizoma, de seus bloqueios nas raízes, suas rupturas em linhas de fuga, a transformação das árvores em rizomas subterrâneos – ou aéreos, a aliança entre o homem e a máquina para constituir outras máquinas. “É uma produção de inconsciente (individual, dual, coletivo, social), e não uma representação de conteúdos desprovidos de significância e de subjetivação” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 33).

Para Selaibe, (1988), outro ponto importante a ser focado em um ser humano é a subjetividade, esta seria “o modo pelo qual o indivíduo é colocado à disposição do campo social”. Sendo a subjetividade e a interioridade, coisas diferentes. A subjetividade é historicamente constituída, e para cada época histórica temos certo tipo de produção subjetiva, sempre múltipla e heterogênea. Seus conteúdos dependem cada vez mais de uma multidão de sistemas maquínicos e isso fica claro quando se para, para pensar, pois não é difícil de perceber que o “inconsciente capitalístico” e o “inconsciente maquínico” de Guattari e Rolnik (1986), que corresponderiam à subjetividade capitalística produzida pela mídia e pelos equipamentos coletivos, de um modo geral.

OBJETIVOS GERAIS

Este trabalho propõe desconstruir modelos monolíticos da subjetividade e produção de novas estéticas e semióticas territorializados num corpo, que reinventa relações com os outros e com si mesmo, criando e interpondo os sentidos, modulando afetações que leve em conta os *devires*, ensaiando novas estéticas da existência através da poética corporal.

Objetivos específicos

- Produzir modulações de afetos;
- Provocar estranhamentos corpóreos;
- Dissolver a noção de grupo como conjunto de indivíduos;
- Trazer o coletivo de corpos e suas relações à tona;
- Provocar leituras contemporâneas do uso da visão, audição, tato, paladar e o corpo.

METODOLOGIA

Sobre a construção do dispositivo: A intervenção será realizada de acordo com a Esquizoanálise e a produção da subjetividade, conforme, Rolnik (2000), Guattari (2008), Guattari e Deleuze (1995), e dividido em duas partes: a primeira introduz as idéias esquizoanalíticas e na segunda parte, será analisado do poema “Teu corpo”, de Ferreira Gullar (1980).

O poema “Teu corpo” atinge sua positividade quando suas diferenças se tornaram objeto de uma afirmação correspondente, potencialmente explorada pelo caminho da teoria literária: na

experiência processual de uma escrita física do pensar. A música de Meredith Monk produzirá modulações de afetos que estranham as novas construções relacionais dos órgãos dos sentidos e o corpo, produzindo novas territorialidades.

A forma de dominação resulta em anestesiamento do campo intensivo, verificadas nas três primeiras estrofes do poema “Teu corpo” (Quadro 1).

Quadro 1 – Poema teu corpo de ferreira gullar (1^a, 2^a e 3^a estrofes)

<p><i>O teu corpo muda independente de ti. Não te pergunta se deve engordar.</i></p> <p><i>É um ser estranho que tem teu rosto ri em teu riso e goza com teu sexo. Lhe dás de comer e ele fica quieto. Penteias-lhe os cabelos como se fossem teus.</i></p>	<p><i>como se fossem teus. Num relance, achas que apenas estás nesse corpo. Mas como, se nele nasceste e sem ele não és? Ao que tudo indica tu és esse corpo – que a cada dia mais difere de ti.</i></p>
---	--

Fonte: Gullar, F. (2021, p.348)

Ao apagar as luzes, conexões sensoriais são desligadas ou aguçadas. A construção de uma subjetividade ignorando o olhar do outro, pode provocar a busca de si através do foco de luz na parede, como se fosse uma “luz no fim do túnel”. Assim, surge uma realidade não pensada anteriormente, mas inventada pelo medo de olhar no espelho, como nos versos de Gullar (Quadro 2).

Quadro 2 – Poema teu corpo de ferreira gullar (4^a, 5^a e 6^a estrofes)

<p><i>E até já tens medo de olhar no espelho: lento como nuvem o rosto que eras vai virando outro.</i></p>	<p><i>E a erupção que te surge no queixo? Vai sumir? alastrar-se feito impingem, câncer?</i></p> <p><i>Poderás detê-la com Dermobenzol? ou terás que chamar o corpo de bombeiros?</i></p>
--	---

Fonte: Gullar, F. (2021, p.348 e 349)

Ao ouvir a música, sensações psicossensoriais afloram afetos que podem ser expressos

pelo corpo, que vão se construindo o repetir das frases “O que te move não é o teu corpo”, “O que te move não é o teu corpo”, “O que te move não é o teu corpo”, etc. Portanto, aquilo que é sentido e vivenciado no corpo se desdobra e reverbera de forma intensa, mostrando que o corpo, não é isto ou aquilo, mas isto e aquilo (Rebello, 2008), representado no poema teu corpo (Quadro 3).

Quadro 3 – Poema teu corpo de ferreira gullar (7ª estrofe)

<p><i>Tocas o juelho; Tu és esse osso. Olhas a mão; Tués essa mão, A forma sentada de braços na mesa és tu. Quem senta és tu,</i></p>	<p><i>Quem se move (leva o cigarro à boca, traga, bate a cinza) és tu. Mas quem morre? Quem diz ao teu corpo – morre – quem diz a ele – envelhece – se não o desejas, se queres continuar vivo e jovem por infinitas manhãs?</i></p>
---	--

Fonte: Toda poesia de Gullar, F. (2021, pag. 349)

Ao romper esta perspectiva, a clínica se aproxima da desconstrução da padronização das escolhas e dos desejos, desvinculando-os de valores burgueses e paradigmas estereotipados e hegemônicos, isto é, de tudo aquilo que se convencionou afirmar como bom, correto ou moral, mas gerando novas formas de vida, agora fundamentadas numa ética referida ao livre exercício do pensamento e da afirmação de si de forma crítica e criteriosa e condutora de maior liberdade (Rebello, 2008).

Materiais Utilizados

O poema “Teu corpo” de Ferreira Gullar; Caixa de som; Foco de Luz; Música de Margareth Monk; Microfone; Laptop; Recortes de revistas e jornais de partes de corpos humanos que serão espalhados pelo chão e paredes; Espelhos.

Técnica de Sensibilização

A sala estará arrumada, com espaço central da sala vazio. A plateia participante no interior da sala apaga-se as luzes e acende um ponto de luz voltado para a parede. Neste momento uma vós-masculina, declamará o poema “Teu corpo” de Ferreira Gullar.

Desenvolvimento da Intervenção

A platéia será convidada a participar da atividade. Os participantes ficarão de pé e se dirigirão ao centro da sala. O grupo se movimentará ao som de uma música ao fundo. Procurando perceber seu corpo e seus sentidos neste movimento. Durante as movimentações será dito de

forma repetitiva, as frases: “O que te move não é o teu corpo”, “Teu corpo se transforma, quando cessar a fala, as pessoas imitarão o gesto da pessoa a sua frente e dirá o que está sentindo naquele momento, então, a música recomeça. Ao final será feito um relaxamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta intervenção propõe uma discussão sobre a percepção e as modulações de afeto captados do estranhamento em seu próprio corpo. Na terceira e quarta estrofe do poema “Teu corpo”, Ferreira Gullar caracteriza esse corpo, mas que difere de ti. Seria a forma como este corpo se transforma a cada dia, o corpo que te move em todos os sentidos seja físico, emocional, intelectual ou psíquico. Este corpo que muda e não sabemos o que está mudando, pois a cada dia procuro novas formas de habitar nele e usar seus sentidos com outras funções. A primeira e segunda estrofe do poema mostra este estranhamento do próprio corpo, é seu, mas não o percebe como seu, é um ser estranho. Então que surge o desafio de produzir constantemente novas formas de nos relacionarmos com os nossos “eus”, de forma leve considerando os “devires” ensaiando novas formas de subjetividade ou novas estéticas da existência.

A tarefa da esquizoanálise é desfazer incansavelmente nossos egos e seus pressupostos, libertar as singularidades pré-pessoais que eles encerram e recalcam, fazer escorrer os fluxos que eles seriam capazes de emitir, de receber ou de interceptar, estabelecer sempre mais finalmente as esquizas e os cortes, bem acima das condições de identidade, montar as máquinas desejantes que recortam cada um e o agrupam com outros (Deleuze; Guattari, 1976, p. 460).

REFERÊNCIAS

- ABREU FILHO, O. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. **Mana**, Rio de Janeiro, vol.4, n.2 p. 143-146, 1998
- DANTAS, A. G. A. **Antonin Artaud**: Cartógrafo do abismo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2002
- DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense universitária. 2006
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: **Mil platôs**, capitalismo e esquizofrenia, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1874 – Três novelas ou o que se passou. In: Deleuze, G. Guattari F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: Um Novo Paradigma Estético. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, F. **Sobre a produção da subjetividade**. (S. Rolnik, Trad.). Texto mimeografado

usado em curso de pós-graduação em Psicologia da PUC-São Paulo, 1986.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Companhia das Letras, 2021.

ROLNIK, S. Esquizoanálise e antropofagia In: Alliez E.; Deleuze G. **Uma vida filosófica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

PERES, R. S, Borsonello, E. C. and Peres, Wiliam Siqueira **A Esquizoanálise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas**. Psicol. estud., vol.5, no.1, p.35-43. 2000.

SELAIBE, M. Identidade: relevo e depressões na superfície de um conceito. Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual Brasileira de Antropologia da Unicamp. **Anais**. Campinas. Universidade de Campinas, 1998.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. O Anti Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1976.